

Memória digital e o futuro da Comunicação: entrevista com Robert Darnton

Por Aline Strelow

Doutora; Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS);
alinstrelow@terra.com.br

Tradução de Miriam Ferrari

Graduada pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS);
mbothferrari@yahoo.co.uk

Resumo: Robert Darnton é diretor da Biblioteca da Universidade Harvard e referência internacional nos estudos de História da Comunicação e História Cultural. Dirige também, atualmente, a *Digital Public Library of America*, biblioteca digital, lançada em abril de 2013, que reúne acervos de bibliotecas, arquivos e museus. Autor de dezenas de livros, nesta entrevista, ele fala sobre o desenvolvimento da DPLA, sobre os desafios enfrentados pelos projetos de digitalização, sobre o futuro do livro, do jornalismo e da pesquisa em história da comunicação diante das novas tecnologias. A entrevista foi realizada em outubro de 2012, no escritório do autor na Universidade Harvard.

Palavras-chave: História da Comunicação. Digitalização de acervos. Memória digital.

Robert Darnton é diretor da Biblioteca da Universidade Harvard. Referência nos estudos de história da Comunicação e história cultural, Darnton dirige também a *Digital Public Library of America*, biblioteca digital lançada em abril de 2013. O endereço <http://dp.la/> reúne acervos de bibliotecas, arquivos e museus, tornando-os acessíveis a pesquisadores do mundo todo via internet. Em artigo publicado recentemente na *The New York Review of Books*, o autor afirma que a DPLA expressa uma fé iluminista no poder da comunicação e no livre fluxo das ideias. No momento de seu lançamento, Harvard tornou disponíveis à biblioteca 243 manuscritos medievais, 5741 panfletos latino-americanos raros, 3628

daguerreótipos, 420 de processos de casos envolvendo casamento e sexualidade, entre uma série de outros documentos.

Em *A Questão dos Livros* (2010), o autor disserta sobre o projeto e comemora o fato de a democratização do conhecimento estar na ponta de nossos dedos. Digitalizar é preciso, mas não pode ser de qualquer jeito, alerta. “Precisamos fazer isso tendo em mente o interesse do público, e isso significa fazer com que os digitalizadores prestem contas aos cidadãos.” (p. 30). É necessário, assim, determinar as regras do jogo de modo a proteger o interesse público e garantir o acesso livre. Democratizar é, então, mais importante do que digitalizar. Subordinando interesses privados ao bem público, poderemos, de acordo com ele, criar uma **República Digital do Saber**.

Com projetos de digitalização de portes diversos se proliferando em diferentes países, inclusive no Brasil, a discussão proposta por Darnton é central. A possibilidade de publicar na rede livros, documentos, jornais, revistas, programas de rádio e TV, entre tantos outros materiais, representará mudanças importantes para o campo do saber, como poderemos experimentar nos estudos de história da comunicação. Jornais e revistas que estavam restritos à pesquisa local em bibliotecas e museus poderão – em alguns casos, já podem – ser consultados de qualquer lugar, bastando, para isso, acesso à internet.

A luta pelo acesso livre passa também pelas publicações científicas. Em 2008, o Instituto de Artes e Ciências da Universidade Harvard aprovou, por unanimidade, uma resolução em favor do acesso livre a artigos científicos, com o objetivo de promover a difusão do conhecimento e denunciar o aumento desregrado da assinatura de muitos periódicos. A iniciativa foi seguida por outros institutos de Harvard e também por outras universidades.

Darnton é autor de dezenas de livros; entre os traduzidos no Brasil, estão: *O Beijo de Lamourette*, *Os Dentes Falsos de George Washington*, *O Grande Massacre dos Gatos*, *O Iluminismo como Negócio*, *Boemia Literária e Revolução*, *Revolução Impressa* e *O Diabo na Água Benta*. Nesta entrevista, ele fala sobre o desenvolvimento da DPLA, sobre os desafios enfrentados pelos projetos de digitalização, sobre o futuro do livro, do jornalismo e da pesquisa em história da

comunicação diante das novas tecnologias. A entrevista foi realizada em outubro de 2012, no escritório do autor na Universidade Harvard.

Pergunta: O senhor está coordenando a implantação da *Digital Public Library of America*, que será inaugurada em abril de 2013¹ e promete disponibilizar milhões de publicações, gratuitamente, para todos que tiverem acesso à internet. Em sua obra *A Questão dos Livros*, o senhor afirma que, atualmente, através das novas tecnologias, poderíamos realizar o projeto iluminista de construção de uma **República das Letras**, mas agora digital e democrática. Quais os caminhos e os obstáculos para concretizar este projeto?

Robert Darnton: Eu realmente acredito que possamos fazer acontecer o que foi apenas um sonho para os filósofos do Iluminismo. É possível. Podemos conseguir o dinheiro, bem como encontrar a tecnologia adequada. Estamos determinados; e isso começará no dia 18 de abril de 2013. É claro que começará em pequena escala e gradualmente iremos construindo o projeto. Portanto, não se deve esperar um prédio grandioso, com uma enorme cúpula sobre um imenso banco de dados. Não será como a Biblioteca do Congresso. Será o que chamamos de ‘rede distribuída’, dessa forma, conectando coleções das grandes bibliotecas de pesquisa dos Estados Unidos da América. A ideia é conceber a infraestrutura e os metadados, para que, assim, usuários dos Estados Unidos e do mundo tenham acesso a tudo isso. Falar é fácil, mas existem obstáculos. Na verdade, o que fizemos foi organizar seis grupos de trabalho para estudar seis diferentes tipos de problemas. No momento existem, aproximadamente, mil e duzentas pessoas espalhadas pelos Estados Unidos estudando essas questões. Eu diria que o problema mais difícil é um problema legal; é a questão dos direitos autorais. Porque, se não conseguirmos fazer com que todos os livros publicados no século XX estejam disponíveis, a biblioteca não será tão importante como desejamos. Porém, a maior parte da literatura publicada nos Estados Unidos no século XX ainda está protegida por direitos autorais. Assim

sendo, como faremos para que esta literatura seja disponibilizada? Estamos trabalhando arduamente nessa questão. Ainda não encontramos um desfecho. Acreditamos ter encontrado um meio, empregando um recurso conhecido como ‘uso justo’ (fair use). Não creio que esta norma exista no Brasil, mas quanto à lei de 1976 dos direitos autorais nos Estados Unidos, existe uma cláusula que permite o *fair use*. Isto significa que se pode tornar acessível reproduzir uma cópia de uma obra em determinadas situações, tais como pesquisa, ensino, entre outras, sem necessitar permissão do detentor dos direitos autorais da mesma. Essas aplicações poderiam ser ampliadas e vamos ver se conseguimos persuadir os tribunais para que isso aconteça. Caso contrário, teríamos que pesquisar cada livro para certificarmos-nos de que o direito autoral possa ser dispensado, que o livro possa ser disponibilizado e que possamos proceder da mesma maneira com milhões de livros. Portanto, esse é um grande problema.

Pergunta: Em diferentes países, inclusive no Brasil, têm surgido iniciativas de digitalização de livros, documentos, arquivos sonoros e em vídeo. O senhor tem alertado para o perigo de deixar esses projetos nas mãos da iniciativa privada, considerando que, por melhores que possam ser as intenções de uma empresa que se propõe a fazer esse trabalho, seu principal compromisso é com o lucro de seus acionistas e não com o bem público. Assim, um projeto delineado inicialmente para promover o acesso livre pode converter-se em comércio, com altos custos para os consumidores. Trata-se de uma responsabilidade da universidade? Quais os modelos possíveis?

Robert Darnton: Bem, eu acredito que tornar o conhecimento acessível ao público é responsabilidade da universidade. Agora, historicamente, é claro, bibliotecas universitárias colecionam e disponibilizam livros para seus alunos e mestres. No caso de Harvard, começamos em 1638. O nome Harvard veio de um homem chamado John Harvard, que presenteou a universidade com 400 livros. Sabemos muito pouco a seu respeito, mas ele nos deu essa biblioteca. Quatrocentos livros, em 1638, era uma biblioteca e tanto. Atualmente, temos 18 milhões de livros,

um número que prosperou do núcleo original. E esses livros, revistas, etc., foram reservados para os docentes e os alunos de Harvard, mas é, de longe, a maior biblioteca de pesquisa do mundo.

Assim sendo, acho que é nosso dever, nossa responsabilidade, permitir que o mundo usufrua disso. No entanto, nós não temos lugar para todo mundo na sala de leitura da biblioteca. Não podemos deixar todo mundo entrar. Portanto, a resposta é digitalizar. Agora, isso é dispendioso, é complicado, requer habilidades específicas, mas podemos fazê-lo juntos, não apenas Harvard, mas outras bibliotecas de pesquisa podem fazer o mesmo.

Portanto, eu concordo, eu creio que é nossa responsabilidade para com a nação tornar nosso acervo disponível, mesmo sendo Harvard uma instituição privada, nós devemos isso ao povo americano e aos povos do mundo. Sessenta por cento do nosso acervo não é em inglês. Deste modo, temos uma enorme quantidade de material que poderia ser do interesse de pessoas fora dos Estados Unidos e eu penso que deveríamos disponibilizar todas essas obras. Mas é preciso organização: possuir uma sede e um comitê central, bem como funcionários dedicados para tornar o projeto viável, e, obviamente, recursos financeiros.

Pergunta: A Universidade Harvard liderou um movimento contrário aos altos custos das assinaturas das revistas científicas, incentivando seus professores e pesquisadores a enviarem seus trabalhos apenas a publicações de acesso aberto. Como está essa situação? Houve adesão à proposta? Quais os resultados?

Robert Darnton: Esta é uma pergunta complicada porque teve origem muitos anos atrás. No início de 2008, nós, da Biblioteca, persuadimos o Instituto de Artes e Ciências da Universidade Harvard a votar a favor da resolução que faria com que todos os artigos acadêmicos produzidos pela faculdade fossem disponibilizados para o mundo todo, com livre acesso, sem custos. Criamos um repositório digital e começamos a supri-lo com artigos da faculdade.

Resoluções similares foram adotadas por outras universidades. O que foi

diferente em relação à Harvard? Nós exigimos que os professores assim o fizessem. É claro que precisamos respeitar a independência dos autores dos artigos. Portanto, havia a possibilidade do pedido de dispensa, caso eles assim o quisessem. Eles podiam valer-se disso, era um direito que lhes assistia e que lhes seria dado. Mas a questão era se toda a produção acadêmica de Harvard, na forma de artigos, seria disponibilizada gratuitamente para o mundo. Isso foi em 2008, depois da faculdade ter votado unanimemente a favor da resolução. Outros institutos de Harvard procederam da mesma forma. E assim criamos um repositório. Ele existe e os artigos começaram a chegar; e eu penso que é um grande sucesso. Mais da metade dos professores do Instituto de Artes e Ciências já depositaram seus artigos no repositório. Não lembro o número exato de artigos, mas são muitos milhares e no ano passado tivemos um milhão de acessos. Esses artigos são lidos no mundo inteiro.

Portanto, eu acho que está funcionando, mas isto foi apenas o começo e agora estamos tomando uma série de medidas para viabilizar o livre acesso. Aliás, na primavera passada, o conselho consultivo da faculdade, no que concerne à biblioteca, votou uma resolução que argumentava que o preço das revistas científicas é tão alto que não poderíamos manter as assinaturas. Os custos de publicação de revistas científicas para a biblioteca são insustentáveis. Não podemos continuar assim; e essa foi uma resolução.

Agora temos que encontrar uma maneira de fazer isso, executar a resolução, e estamos considerando vários aspectos dessa questão. Poderíamos, por exemplo, estabelecer um limite com os editores em relação às assinaturas. Normalmente, um contrato dura três anos; então quando chegasse o momento da renovação do contrato, diríamos à editora que pagaríamos o mesmo preço de três anos atrás, mais o custo da inflação de acordo com o índice de preços ao consumidor ou algo assim. Porém, não iremos aceitar acréscimos de 7% a cada renovação. O aumento no preço das revistas, a meu ver, é impraticável. É quatro vezes superior ao aumento da inflação! Isso está prejudicando nossas bibliotecas em todo o país e no mundo inteiro. Portanto, estamos aqui para protestar contra a inflação no preço das revistas científicas.

Pergunta: Os momentos de mudança de instrumento são marcados pela crise do modelo precedente. O senhor já comparou a ruptura provocada pelo surgimento da internet e da navegação planetária com aquela causada pela invenção da escrita, cerca de 4.000 a.C. Como ela afeta o futuro do livro e da imprensa, em especial dos jornais?

Robert Darnton: Bem, eu não sou profeta, portanto não sei como será o futuro! É claro que fazemos uma apreciação do que está acontecendo agora e o que aconteceu no passado recente. Eu realmente acho que poderíamos dizer que os jornais estão ameaçados pela era digital. Não sei no Brasil. Por exemplo, eu gosto muito da *Folha de S. Paulo*, é um grande jornal e eu acredito que ele esteja indo muito bem. Contudo, nos Estados Unidos, muitos jornais estão sofrendo com os chamados anúncios de emprego, os classificados, os anúncios curtos para qualquer tipo de proposta. Eles agora são feitos *online*. Portanto, os jornais que ganhavam uma grande soma de dinheiro com esse tipo de publicidade não contam mais com essa fonte de renda. Dessa forma, muitos jornais estão deixando de existir em todo o país. É verdade que o *The New York Times* está indo muito bem, obrigado, mas a maioria dos jornais está ameaçada porque as pessoas leem as notícias e os anúncios online. Assim, penso que haverá um câmbio para o jornalismo digital. É claro que isto já está acontecendo, mas ainda não de uma maneira completa, integral. Todavia, temos o que chamamos de jornalismo investigativo, o que ainda não acontece *online*. Há exceções, mas são raras; e isso significa que o jornalismo como uma maneira de desafiar o poder estabelecido, expor a corrupção, lutar contra abusos, que é uma tradição no jornalismo, poderia sofrer com essa transformação. Portanto, essa é uma mudança que eu lamento. No entanto, é preciso adaptar-se.

Agora, quanto ao futuro global da comunicação, isto é um assunto tão vasto que eu não sei o que dizer. Entretanto, eu diria que é um erro imaginar o momento atual como sendo o cenário de uma guerra entre o digital e o analógico. As pessoas pensam nestes aspectos como sendo antagônicos, como se eles ocupassem posições opostas dentro do espectro tecnológico. Eu acho este pensamento equivocado. Na

verdade, eu creio que eles são aliados; e o que está acontecendo atualmente é uma interação entre o digital e o material impresso. Por exemplo, ficamos sabendo que a venda dos *e-books* frequentemente aumenta as vendas dos livros impressos, e isto depende do tipo de livro impresso, mas usualmente ocorre quando se trata de literatura mais séria. Os leitores tomam conhecimento através de amostras *online*, em seus *smartphones*, *tablets*, *i-Pads*, ou mesmo computadores e então, ao invés de ler o texto integral na tela, preferem a versão impressa. Por quê? Ora, porque o códice inventado há mais de dois mil anos atrás é um instrumento extraordinário e as pessoas gostam de folhear as páginas de um livro, pois assim podem consultá-lo para trás e para frente da maneira que lhes for conveniente. Muitos também gostam, se o livro lhes pertence, de fazer anotações nas páginas; gostam da sensação tátil que o livro impresso oferece. Desse modo, percebemos que o digital e o impresso são complementares. Além disso, sabemos que existem livros que podem ser produzidos eletronicamente, com música, imagens, vídeos, filmes, todos os tipos de mídia. Eu mesmo já produzi alguns livros assim. Meu livro *Poetry and the Police* contém complementos digitais *online* através dos quais você ouve canções da maneira como eram cantadas no século XVIII. Assim sendo, pode-se ouvir a música que estudei como exemplo de propaganda revolucionária em 1750 nas ruas de Paris. Agora, no Brasil, você pode ouvi-la cantada da maneira original. Este é apenas um exemplo do que se pode fazer com livros eletrônicos.

Pergunta: Por outro lado, além da atenção às mudanças, há um esforço dos historiadores em lançar luz sobre as continuidades. A influência dos leitores/receptores no processo comunicacional, a escrita coletiva e o próprio conceito de sociedade da informação parecem ser tratados, muitas vezes, como novidades surgidas com o advento das novas tecnologias. Analisando o momento histórico atual da Comunicação, onde podemos encontrar essas continuidades?

Robert Darnton: Parcialmente, falamos sobre isso quando disse que acho que os livros impressos continuam a florescer. Na verdade, no ano passado, nos Estados Unidos, foram produzidos mais livros do que no ano anterior, 6% a mais,

cerca de 350 mil novas obras. Sendo assim, a produção literária na forma impressa está aumentando e não diminuindo, e isso é continuidade. Mais importante do que isso, eu creio, é a mensagem fundamental que aprendemos através do estudo da história da Comunicação: um meio não substitui o outro. Ora, sabemos que o rádio não matou o jornal, a televisão não matou o rádio, a Internet não matou a televisão. O que acontece é que a nova tecnologia agrega-se a alguns ambientes, à ecologia comunicacional, entre outros, e o ambiente torna-se mais rico, mais complexo, mas isso não significa que um novo meio de comunicação simplesmente destrua outro. Um bom exemplo seria a publicação de manuscritos. Vimos que a publicação de livros que as pessoas copiavam, os escribas copiavam, aumentou, depois de Gutenberg, não diminuiu, e isso ocorreu ao longo dos séculos XV, XVI, e XVII adentrando o século XVIII. Portanto, creio que precisamos pensar na história da Comunicação como uma ecologia bastante complexa que está constantemente mudando, enriquecendo e não se esgotando.

Pergunta: Em *O Beijo de Lamourette*, o senhor sugere como método para o estudo da história da imprensa, um modelo que contempla as diferentes etapas do circuito da Comunicação. Nesse modelo, é importante a atenção aos vestígios, às pegadas deixadas pelos homens e mulheres do passado nos materiais analisados. Até que ponto a pesquisa, através de acervos digitalizados, interfere nas chances de encontrarmos e perseguirmos esses sinais?

Robert Darnton: É uma boa pergunta e eu não tenho uma resposta. Minha pesquisa tem relação com material impresso, embora caiba mencionar que também uso canções, sons, imagens e rumores. Escrevi artigos sobre como as redes de comunicação operavam através de boatos e mensagens trocadas nos cafés de Paris trezentos anos atrás. Graças aos relatórios da polícia, efetivamente posso traçar um mapa de Paris e então mostrar a você em quais cafés estava-se falando sobre qual assunto. Portanto, penso que é possível rastrear circuitos de comunicação, mesmo da comunicação verbal; mas não é fácil e você tem sorte se encontrar os documentos pertinentes.

Agora, quais serão os documentos da comunicação eletrônica? Bem, eu não tenho certeza, mas existe algo chamado *Internet Archive*, que foi concebido por um sujeito extraordinário chamado Brewster Kahle. Ele inventou uma coisa que se chama Wayback Machine, com a qual ele, digamos, tira uma fotografia da blogosfera, da Internet em um determinado momento, e então ele grava todas as informações de todos os *sites* da Internet do mundo inteiro, num instante específico. E ele, a partir disso, começou a tentar construir um arquivo digital de todos os tipos de material digital. Portanto, já temos um começo. A maioria dos sites dura, em média, algo em torno de 30 ou 40 dias. *Sites* aparecem e desaparecem sem deixar vestígios. Portanto, temo que estejamos perdendo a maior parte do material difundido pela Internet.

Pergunta: Em uma entrevista publicada recentemente no Brasil, na *Revista de História*, o senhor afirmou considerar a sabedoria das multidões, referindo-se à democratização do acesso à informação e às experiências colaborativas na rede, como a *Wikipedia*. Estaríamos falando novamente sobre uma República das Letras?

Robert Darnton: Sim, eu realmente acredito na sabedoria das multidões, não gosto muito da palavra “multidão” porque as pessoas geralmente imaginam algum tipo de tumulto ou pessoas reunidas. Na verdade, as pessoas estão separadas. O Brasil, assim como os Estados Unidos, está cheio de gente que possui informações sobre, muitas vezes, assuntos misteriosos. Existe alguém em algum lugar que tem muito conhecimento acerca do colapso do Império Romano. E esse saber não é normalmente transmitido, mas pode ser comunicado graças à Internet e à mídia social que existe atualmente. Assim sendo, certamente a *Wikipedia* é uma grande história de sucesso. No começo todos ficamos preocupados porque o material não era confiável, não se sabia quais eram as fontes. E, de fato, havia muitas explicações erradas que eram inseridas na *Wikipedia*. Isso mudou e a *Wikipedia* atualmente tem editores que filtram as informações; eles não colocam simplesmente qualquer coisa em seus artigos. Eu acho que é uma história de sucesso extraordinária e esse é apenas um dos serviços que serão disponibilizados, tal como a *Digital*

Public Library of America. Portanto, sim, creio que a quantidade de informação e de poder dos motores de busca para encontrar informações pertinentes é sensacional e vai ficar ainda melhor.

Referências

- DARNTON, Robert. **O Beijo de Lamourette**: mídia, cultura e revolução. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- _____. **Boemia literária e revolução**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- _____. **Os Dentes falsos de George Washington**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- _____. **O Diabo na água benta**: ou a arte da calúnia e da difamação de Luís XIV a Napoleão. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
- _____. **O Grande massacre dos gatos**: e outros episódios da história cultural francesa. São Paulo: Graal, 2011.
- _____. **O Iluminismo como negócio**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- _____. The National Digital Public Library is launched!. *The New York Review of Books*, 2013. Disponível em <http://www.nybooks.com/articles/archives/2013/apr/25/national-digital-public-library-launched/>. Acesso em: 24 de abril de 2013.
- _____. **Poetry and the police**: communication networks in eighteenth-century Paris. Cambridge: Harvard University, 2010.
- _____. **A Questão dos livros**: passado, presente e futuro. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

Digital memory and the future of communication: interview with Robert Darnton

Abstract: Robert Darnton is director of the Harvard University Library and international reference in the history of Communication and cultural history. Leads currently the Digital Public Library of America, digital library launched in April 2013, bringing together collections of libraries, archives and museums. Author of dozens of books, in this interview, he talks about the development of the DPLA, the challenges faced by digitization projects, about the future of books, journalism and research on history of communication before the new technologies. The interview was conducted in October 2012, in his office at Harvard University.

Keywords: History of Communication. Digitization projects. Digital memory.

¹ A entrevista foi realizada em outubro de 2012.

Recebido: 26/04/2013

Publicado: 25/07/2013

